



Resumão

Filosofia

Hannah Arendt

Resumo

Quem foi Hannah Arendt?

Hannah Arendt (1906 – 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica, cujo pensamento constituiu um marco importante na análise filosófica dos fenômenos políticos do século XX, especialmente o fenômeno do totalitarismo vivido na Europa – o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha. Em seu livro de 1951, “As origens do totalitarismo”, ela aborda a questão, oferecendo uma interpretação bastante original sobre as razões pelas quais governos totalitários conseguem ascender ao poder e sobre a lógica de funcionamento desses governos.



Sapere aude!

Profundamente influenciada por Kant, Arendt viveu as consequências de praticar uma “filosofia sem corrimão”. Sapere aude é a essência do pensamento da autora. Sua obra é fiel a essa postura de não se deixar tutelar, de não ter corrimãos para segurar, tanto que não é fácil encaixar a pensadora numa escola, tradição, ideologia ou campo político. Seu pensamento é tanto conservador como liberal, de direita e de esquerda.

Recentemente (2020) o Museu histórico Alemão montou uma exposição sobre a autora. Como chamada do evento há uma fotografia de Hannah Arendt em uma pose já eternizada pela autora, cigarro entre os dedos, uma das mãos apoiando a cabeça e um olhar profundo. Na imagem a frase “Nenhum ser humano tem o direito de obedecer.” Essa frase tem tudo a ver com o pensamento de Arendt. Seja na relação entre poder e violência ou na análise do totalitarismo, o indivíduo deve sempre se manter atento e alerta à ordem que se estabelece na sociedade.

Sobre a banalidade do mal

Em 1961, a filósofa foi a Jerusalém para assistir ao julgamento de Adolf Eichmann, alemão que participou de maneira ativa no extermínio de judeus comandado pelo regime nazista. Seus relatos sobre o julgamento de Eichmann – que viria a ser condenado à morte – ficaram registrados em sua obra “Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal”, publicado em 1963.

Havia, segundo Hannah Arendt, um contraste entre a figura apática e aparentemente comum de Eichmann com as atrocidades por ele praticadas. Como pode uma pessoa, que aparentemente não possui nada de diferente, que não parece ter nenhuma inclinação para a maldade, ser responsável pela morte de tantas outras pessoas? Arendt vai explicar esse fenômeno, então, dizendo que pessoas como Eichmann fazem parte das massas politicamente neutras e indiferentes. Na medida em que são indiferentes às questões políticas, essas pessoas são facilmente manipuláveis, podendo ser levadas a considerar atitudes de crueldade em relação ao ser humano como “normais”. É dessa maneira que a filósofa vai formular a ideia da “banalidade do mal”, ou seja, fenômeno que ocorre quando a crueldade acaba se tornando algo banal, algo corriqueira na vida das pessoas. Elas não se importam mais, pois estão habituadas e naturalizaram a

maldade. Eichmann apenas seguia ordens, sem questioná-las e sem refletir sobre as consequências dos seus atos.

Herdando o conceito de mal radical de Kant, Hannah diferencia o mal banal do mal radical não pela intensidade, mas pela raiz. Figuras como Goebbels, Himmler e Hitler encarnavam o mal radical. Eles acreditavam em suas ações e eram realmente antissemitas. Observar Eichmann fez Hannah perceber, no entanto, que havia uma categoria de pessoas no nazismo que simplesmente não questionava, obedecia cegamente e só pensava em questões particulares, como progredir na carreira e ser bem visto. Essas pessoas não necessariamente entendem o mal que produzem, pois ele está banalizado. Segundo Arendt, Eichmann era uma pessoa medíocre, e o mundo estava cheio dessas pessoas medíocres, incapazes de refletir sobre a vida e sobre suas ações. Hannah Arendt, pela primeira vez, não analisou o mal pelo viés moral, mas pelo viés político.

O totalitarismo, no entanto, segundo Hannah Arendt, não teria surgido apenas como consequência da neutralidade política das pessoas em geral. A crise econômica, que traz o desemprego, o aumento da pobreza, e muitas dificuldades, leva as pessoas a se sentirem insatisfeitas e, ainda que não sejam engajadas politicamente, acabam aderindo a projetos políticos cujos fundamentos e objetivos elas desconhecem. Portanto, quanto menos politizados e críticos são os indivíduos, mais eles estão sujeitos a aceitar projetos totalitários ou autoritários de poder de acordo com a filósofa alemã.

Crítica a Marx e o trabalho

A condição humana se dá em dois planos: os da preservação da espécie (coletivo) e da individualidade de cada ser (individual). É nesse ponto que Arendt critica a concepção marxista do trabalho. Diferenciando o trabalho entre os dois planos, a pensadora apresenta os conceitos de **labor** e de **trabalho**. O labor se refere às atividades básicas de manutenção da vida, são objetivas e mecânicas. Em essência, o labor não é uma expressão da capacidade criativa humana, antes, é um limitador da liberdade como condição *sine qua non* (indispensável). Já o trabalho é um nível de atividade individual e de expressão da pessoa. É uma produção espelhada e que busca a inserção social marcada pela subjetividade. Arendt então admite a possibilidade do trabalho produtivo e improdutivo, ambos resultando na produção de objetos.

Um terceiro plano surge no pensamento de Arendt, o da **ação**. O discurso é a marca distintiva do homem. A capacidade de narrar, discursar e discutir é a expressão máxima da vida humana em comunidade. As atividades humanas inclusive encontram permanência no discurso, que revive a ação e atribui sentido a ela. É por meio das ações realizadas exclusivamente entre os homens mediadas pelo discurso que é possível construir a sociedade baseada nos planos anteriores.

Esses conceitos também podem ser encontrados no pensamento da autora como: **vida** (labor), já que se trata da sobrevivência imediata do ser; **mundanidade** (trabalho), que se relaciona com a produção do mundo a sua volta; e **pluralidade** (ação), porque traz a construção coletiva para um novo nível, um conceito de forte sentido político.

Entretanto, para a filósofa, no mundo moderno houve uma sobreposição da garantia da vida sobre a criatividade do trabalho. O plano do labor é hipervalorizado e a que esfera social passa a priorizar a reprodução e manutenção da vida. Para Arendt esse movimento é um movimento de inversão de valores em comparação com a Antiguidade clássica. Para os gregos a vida ativa se expressava através da participação nas decisões da pólis, na contemplação do eterno e na dedicação aos prazeres do corpo. No mundo moderno, ao contrário, o que é valorizado é o contínuo fazer, um desassossego de ação e produção constantes. Para Arendt essas características levam a homogeneização dos discursos levando a todo tipo de despotismo moderno, inclusive totalitarismos.

Exercícios

1. De acordo com a filósofa Hannah Arendt, o totalitarismo é uma forma de governo essencialmente diferente de outras formas de opressão política conhecidas, como o despotismo, a tirania e a ditadura. Considerando as características e as expressões históricas do totalitarismo no século XX, assinale a afirmativa INCORRETA.
- a) O totalitarismo procura reforçar a distinção entre esfera pública e esfera privada.
 - b) Nazismo e stalinismo são dois exemplos históricos de regimes totalitários.
 - c) A propaganda é um meio importante para a difusão da ideologia oficial nos governos totalitários.
 - d) Terror é um princípio fundamental da ação política totalitária.
 - e) No totalitarismo o discurso do líder é importante tanto no que diz quanto no que não diz. A mentira é uma ferramenta fundamental na narrativa totalitária

2. Três décadas – de 1884 a 1914 – separam o século XIX – que terminou com a corrida dos países europeus para a África e com o surgimento dos movimentos de unificação nacional na Europa – do século XX, que começou com a Primeira Guerra Mundial. É o período do Imperialismo, da quietude estagnante na Europa e dos acontecimentos empolgantes na Ásia e na África.

ARENDR. H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

O processo histórico citado contribuiu para a eclosão da Primeira Grande Guerra na medida em que

- a) difundiu as teorias socialistas.
 - b) acirrou as disputas territoriais.
 - c) superou as crises econômicas.
 - d) multiplicou os conflitos religiosos.
 - e) conteve os sentimentos xenófobos.
3. As histórias, resultado da ação e do discurso, revelam um agente, mas este agente não é autor nem produtor. Alguém a iniciou e dela é o sujeito, na dupla acepção da palavra, mas ninguém é seu autor.
- ARENDR, Hannah. *A condição humana*. Apud SÁTIRO, A.; WUENSCH, A. M. *Pensando melhor – iniciação ao filosofar*. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 24.
- A filósofa alemã Hannah Arendt foi uma das mais refinadas pensadoras contemporâneas, refletindo sobre eventos como a ascensão do nazismo, o Holocausto, o papel histórico das massas etc. No trecho citado, ela reflete sobre a importância da ação e do discurso como fomentadores do que chama de “negócios humanos”. Nesse sentido, Arendt defende o seguinte ponto de vista:
- a) a condição humana atual não está condicionada por ações anteriores, já que cada um é autor de sua existência.
 - b) a necessidade do ser humano de ser autor e produtor de ações históricas lhe tira a responsabilidade sobre elas.
 - c) o agente de uma nova ação sempre age sob a influência de teias preexistentes de ações anteriores.
 - d) o produtor de novos discursos sempre precisa levar em conta discursos anteriores para criar o seu.
 - e) Toda ação é original, pois é resultado da inventividade e criatividade humana.

4. LEIA, abaixo, o comentário que a filósofa Hannah Arendt fez sobre as ações do comandante do Reich, Adolf Karl Eichmann, acusado de crimes contra o povo judeu: "Os feitos eram monstruosos, mas o executante (...) era ordinário, comum, e nem demoníaco nem monstruoso."

Hannah Arendt, *A vida do espírito*. In: Eduardo Jardim de Moraes e Newton Bignotto, *Hannah Arendt: diálogos, reflexões e memórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.138.

Assinale a alternativa em que o fator cultural presente nas ações comentadas explicou CORRETAMENTE o fenômeno histórico acima mencionado:

- a) A execução de atos criminosos com requintes de crueldade, ordenada pelas autoridades, foi praticada por pessoas comuns, afetadas principalmente pela falta de alimento e de emprego.
 - b) A banalidade na execução de crimes contra a humanidade se deve à burocratização do genocídio, implementada pela cúpula nazista, para liberar as pessoas de preocupações com a moral comum e com as leis.
 - c) A participação da juventude hitlerista no processo de construção do nacionalismo reforçou o senso político de oposição aos regimes socialistas autoritários.
 - d) A experiência nazista é um exemplo de fortalecimento da sociedade pelo Estado, criador de símbolos e valores culturais, que reforçam os princípios autoritários de governo.
 - e) A banalidade do mal é uma adesão eticamente consciente ao mal radical. A única diferença entre o mal radical e o mal banal é que o primeiro é a origem e o segundo o desdobramento
5. Durante o século XX, a filósofa Hannah Arendt afirmou que existe uma antiga resposta para a pergunta sobre o sentido da política tão simples e concludente, que poderia dispensar outras respostas por completo. De acordo com o que explana Hannah Arendt em *O que é política?* esse sentido da política é:
- a) o poder
 - b) a administração
 - c) a liberdade
 - d) a igualdade
 - e) o bem
6. Hannah Arendt, em "A Condição Humana", aponta que os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens, são:
- a) ação e discurso
 - b) arte e linguagem
 - c) liberdade e expressão
 - d) trabalho e discurso
 - e) ação e liberdade

7. Um tema contemporâneo que faz parte das nossas reflexões é a cidade como espaço cívico. Segundo Otilia Arantes (1993), a principal inspiração de revalorização da vida pública vem de Hannah Arendt que foi buscar na *polis* grega o modelo a partir do qual é possível julgar as transformações modernas da esfera pública. A transição do antigo para o moderno desfez essa distribuição harmoniosa das funções sociais, alargando indefinidamente o território privado conforme se implantava a propriedade burguesa. Essa prática não só debilitou como propiciou o declínio do caráter público da liberdade. Assinale a alternativa que apresenta a definição **CORRETA** que Hannah Arendt dá para o "privado":
- É o cerceamento da coletividade, absoluto e restrito.
 - É o direito de usar, gozar e dispor de uma coisa, a princípio de modo absoluto, exclusivo e perpétuo.
 - É o que não aparece, é o reino do obscuro, do irrelevante, da mais aguda limitação.
 - É o que permanece em função de poucos, totalitário.
 - É o campo da ação humana individual, da expressão de sua liberdade
8. O julgamento de Eichmann no Tribunal de Nuremberg tornou-se um exemplo do tribunal Militar Internacional, criado na cidade alemã do mesmo nome, para julgar os principais criminosos da Segunda Guerra Mundial. As querelas envolvendo as defesas e acusações dos réus foram expressas numa das obras-primas do século XX da filósofa política Hannah Arendt: Eichmann em Jerusalém. Os argumentos de Arendt são expressos no axioma
- A singularidade do mal.
 - A raridade do bem.
 - A banalidade do mal.
 - A excepcionalidade do bem.
 - A radicalidade do mal.
9. Subjaz na propaganda tanto política quanto comercial a ideia de que as massas podem ser conquistadas, dominadas e conduzidas, e, por isso, toda e qualquer propaganda tem um traço de coerção. Nesse sentido, a filósofa Hanna Arendt diz que "não apenas a propaganda política, mas toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de coerção".
- AGUIAR, O. A. Veracidade e propaganda em Hannah Arendt. In: Cadernos de Ética e Filosofia Política 10. São Paulo: EdUSP, 2007 (adaptado).
- À luz do texto, qual a implicação da publicidade de massa para a democracia contemporânea?
- O fortalecimento da sociedade civil.
 - A transparência política das ações do Estado.
 - A dissociação entre os domínios retóricos e a política.
 - O combate às práticas de distorção de informações.
 - O declínio do debate político na esfera pública.

10. TEXTO I

Aquele que não é capaz de pertencer a uma comunidade ou que dela não tem necessidade, porque se basta a si mesmo, não é em nada parte da cidade, embora seja quer um animal, quer um deus.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

TEXTO II

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida de um eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

Associados a contextos históricos distintos, os fragmentos convergem para uma particularidade do ser humano, caracterizada por uma condição naturalmente propensa à

- a) atividade contemplativa.
- b) produção econômica.
- c) articulação coletiva.
- d) criação artística.
- e) crença religiosa.

Gabarito

1. **A**

De acordo com a filósofa alemã Hannah Arendt, o fenômeno político do século XX denominado totalitarismo não é caracterizado pelo reforço da distinção entre o âmbito público e o âmbito privado. Pelo contrário, os regimes totalitários fazem essa distinção desaparecer, de modo que na vida privada dos indivíduos seja sempre estimulada a obediência e a aceitação passiva da ideologia oficial do regime. Desse modo, a única alternativa incorreta é a letra (a)
 2. **B**

O texto, hoje clássico de Hannah Arendt sobre o totalitarismo, apresenta um trecho que começa afirmando que a transição do século XIX para o XX durou três décadas. O texto destaca o imperialismo, que se estendeu até o continente africano e asiático, expondo os interesses territoriais das potências europeias, como diz a alternativa b. Tudo isso desemboca na Primeira Guerra Mundial.
 3. **C**

Do trecho citado da filósofa Hannah Arendt pode-se deduzir muito claramente que qualquer ação nova deverá ocorrer sob a influência de uma gama de acontecimentos anteriores, ou seja, toda ação tem a influência de uma teia de ações que foram praticadas anteriormente da qual não podemos nos afastar totalmente. Esse é o nível AÇÃO da condição humana, o plano da pluralidade. Nesse sentido, a única alternativa correta é a letra (c).
 4. **B**

Quando pensamos na análise que Hannah Arendt faz do julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann, devemos lembrar do seu conceito de "banalidade do mal". Esse conceito nos remete a ideia de que nos regimes totalitários há uma naturalização da maldade, que é vista como algo cotidiano, como algo que faz parte da rotina e que, portanto, não mereceria uma reflexão mais profunda. Em última análise, numa sociedade voltada para a obediência, nem mesmo o genocídio passa a ser questionado como algo que poderia ser evitado. Por conta disso tudo, a alternativa correta é a letra (b).
 5. **C**

De acordo com a filósofa, palavra e ação, para se converterem em política, requerem a existência de um espaço que permite o aparecimento da liberdade. O sentido da política é a liberdade na medida em que a ação humana pode desencadear um mundo de possibilidades, pois a existência da humanidade se deve à necessidade de renovação, mesmo diante do esgotamento do possível. Para Arendt, o milagre não é algo extra-humano, mas sim a capacidade humana de realizar o improvável e é justamente por isso que o sentido da política é a liberdade.
 6. **A**

A comunicação entre os seres humanos só existe, de acordo com Hannah Arendt, na medida em que somos simultaneamente agentes e espectadores. O agente se revela no discurso e na ação, tal como afirma a filósofa em sua obra *A condição humana*. É assim que o agente se revela para os outros, para aqueles que se posicionam como espectadores, ou para si próprio. Nessa medida, os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros são ação e discurso.
 7. **C**

De acordo com Hannah Arendt, é preciso buscar na *polis grega* o modelo para que se possa julgar as mudanças trazidas pelo mundo moderno. Na antiguidade havia uma distribuição harmoniosa de funções sociais, favorecendo uma noção forte de comunidade e a valorização daquilo que é público. Já no mundo moderna, há um alargamento do espaço privado, enquanto se implantava a propriedade burguesa. Dessa forma, a única alternativa correta é a representada pela letra (c) ao afirmar que o privado é "o que não aparece, é o reino do obscuro, do irrelevante, da mais aguda limitação."
-

8. **C**
Os argumentos de Hannah Arendt são explicados com a expressão "banalidade do mal". O caso do julgamento de Eichmann leva a filósofa alemã a considerar que aquele homem não parecia ser monstruoso, não parecia ser capaz de ter participado das atrocidades do regime nazista. Isso ocorre por conta da banalização do mal, ou seja, quando o mal se torna algo corriqueiro, cotidiano. Essa situação acontece quando as pessoas aceitam passivamente ordens sem questionar, tornando-se meros funcionários que obedecem a ordens.
9. **E**
A propaganda se estabelece como uma forma de convencer e resulta na produção de uma homogeneidade do pensamento levando ao declínio do debate público. É notável o avanço da influência da mídia e da propaganda nos tempos atuais em que algoritmos de redes sociais definem o que teremos contato da esfera supostamente pública e ofertam a nós produtos personalizadas de acordo com nosso comportamento. Isso tem levado ao isolamento dos grupos sociais em bolhas e ao atrofiamento do espaço público impedindo o diálogo.
10. **C**
Hannah Arendt, inspirada nas concepções políticas da Antiguidade, percebe o ser humano como invariavelmente político, só podendo atribuir sentido à vida quando em coletividade e ativo na esfera pública. O que distingue o ser humano é o discurso e esse é uma ação estreitamente política que se manifesta na pluralidade gerando o espaço público

Foucault e a microfísica do poder

Resumo

Nascido em 1926 e morto em 1984, Michel Foucault é, sem dúvida alguma, um dos mais importantes filósofos contemporâneos. Sua extensa obra, que influencia áreas do conhecimento tão diversas, como a história, o direito, a sociologia e a medicina social, tem como central a questão do poder. Todos os livros de Foucault, por mais diferentes entre si, têm como objetivo central desvendar o que é o poder e as formas como ele se exerce. Obviamente, antes do filósofo francês, vários outros filósofos como Maquiavel e Marx, por exemplo, já haviam discutido esse tema. Entretanto, a abordagem foucaultiana foi totalmente inovadora – e por várias razões. Em primeiro lugar, diferentes dos filósofos que o precederam, Foucault não acreditava que o poder é apenas uma parte, uma área, um âmbito específico das relações humanas. Ao contrário, para ele, o poder é a própria base das relações humanas, é a malha a partir da qual essas relações se efetivam. Por isso, **todas as relações humanas são relações de poder**. Por outro lado, Foucault também não concordava com a ideia, típica antes dele, de que haveria formas de poder mais significativas do que as outras, como se a violência e a dominação pudessem se reduzir a uma única forma ou modelo. Na verdade, para Foucault, como o poder está presente em tudo o que o homem faz, o que há são variadas formas de exercício do poder, múltiplas e irredutíveis entre si. Por fim, Foucault também não concordava com a tese de que, nas relações de poder, há alguns sujeitos que detêm a força e a dominação, enquanto outros são meramente passivos, oprimidos e violentados. Ao contrário, segundo o filósofo, o poder é sempre relacional, ou seja, ele é sempre uma via de mão-dupla, de modo que, **onde há poder, há resistência: onde se exerce o poder, se constituem também contrapoderes**.



A visão geral que Foucault desenvolveu a respeito do poder, obviamente, moldou também as suas pesquisas e o seu trabalho como intelectual. Ao pensarem o poder como algo localizado, uniforme e não-relacional, os filósofos tradicionais, sempre que se dispuseram a analisar o exercício da dominação, acabaram por privilegiar o estudo das grandes instituições sociais, daqueles que obviamente exercem poder, tais como o Estado, as forças armadas, as organizações religiosas e o sistema econômico. Por sua vez, ao pensar o poder como algo sempre presente, múltiplo e relacional, Foucault procurou mostrar, acima de tudo, como o poder se encontra presente nos ambientes, circunstâncias e relações que menos imaginamos, tais como a escola, a ciência, o hospital, a loucura, a sexualidade, etc. Desvendar como o poder exercido através das teorias científicas ou dos discursos a respeito do sexo, por exemplo, foi o modo que Foucault encontrou para mostrar que o poder se encontra presente em de fato todas as relações humanas, mesmo nas que possam nos causar mais surpresa.

“Por outro lado, a tarefa mais urgente, imediata, antes de qualquer outra coisa, é considerar a atitude de que estamos acostumados a pensar, pelo menos em nossa sociedade europeia, que o poder está localizado nas mãos do governo e é exercido por algumas instituições em particular, tais como os governos locais, a polícia, o exército. Estas instituições transmitem as ordens, as aplicam e punem as pessoas que não obedecem. Mas, penso eu, que o poder político também é exercido por um certo número de outras instituições que não parecem ter nada em comum com o poder político, o qual parece ser independente, mas que na verdade não é. Todos nós sabemos que as universidades e todo o sistema educacional, que aparentemente deveria distribuir o saber,

servem, na verdade, para manter o poder nas mãos de uma certa classe social e para excluir as demais classes sociais deste instrumento de poder. A psiquiatria, por exemplo, que em aparência parece se destinar ao bem da humanidade, também é uma maneira de impor o poder político a um determinado grupo social. A Justiça também. Então me parece que a real tarefa política atual em uma sociedade como a nossa é criticar os trabalhos das instituições que aparentam tanto ser neutras quanto independentes; é criticar e atacar estas instituições, de tal maneira que a violência política que sempre foi exercida e obscurecida por meio destas instituições, surgisse, para que assim pudéssemos combatê-la"

(Fala de Foucault em um debate com Noam Chomsky)

Em seu esforço por desvendar os mecanismos da dominação, Foucault elaborou uma teoria a respeito da forma de exercício do poder que ele considerava dominante em nossa sociedade capitalista: o **biopoder** ou **biopolítica**. Como o próprio nome indica, o biopoder está associado à vida, mas como assim? Foucault considerava que a melhor forma de compreender o biopoder é compará-lo com o modo de exercício do poder tipicamente vigente antes dele: o chamado poder de morte ou direito de soberania. De fato, nas sociedades absolutistas e pré-capitalistas, o rei, como soberano, concentrava todo o poder político e tinha total domínio sobre seus súditos. Esse enorme poder, porém, não se manifestava no dia-a-dia. O rei não tinha um controle cotidiano da vida de seus súditos, normatizando o que deveriam fazer ou não. Ao contrário, a força do soberano não se mostrava através da vida, mas sim da morte, seja quando ele condenava alguém à pena capital, matando tal pessoa diretamente, seja quando ele enviava um súdito à guerra, expondo-o à possibilidade de morrer. Em outras palavras, o direito de soberania, exercido pelos reis, era um poder que controlava a vida encerrando-a, que exercia sua dominação extinguindo as forças vitais do indivíduo. O que ocorre, porém, com a vitória definitiva do capitalismo, ocasionada pela Revolução Industrial? Com a industrialização, o ritmo da produtividade aumenta de maneira exponencial e não é mais possível que os trabalhadores mantenham o ritmo de trabalho antigo. É preciso que os funcionários sejam mais rápidos, mais proativos, mais eficientes, enfim, que eles acompanhem o ritmo das máquinas. Torna-se necessária, então, a constituição de um novo tipo de poder, voltado não para diminuir ou violentar a vitalidade dos indivíduos, mas sim para aumentá-la, desenvolvê-la, fortalecê-la. É necessário um biopoder: um poder que aumente a vitalidade dos indivíduos para melhor controlá-los. Não à toa, dizia Foucault, o século XIX é o século da formação da biologia como ciência, do malthusianismo, da preocupação com o controle de natalidade, do darwinismo social, da condenação da homossexualidade como doença (e não apenas como pecado), dos ideólogos do racismo, etc. Mais: para Foucault, o próprio nazismo, no século XX, é um fruto e uma radicalização do biopoder, afinal, genocídios houve vários na história, mas o nazismo é o primeiro deles justificado em bases biológicas. A própria preocupação com saúde, a anorexia e bulimia, a cultura fitness, a rejeição da velhice, características tão comuns de nossa sociedade, seriam vistos como esferas de exercício do biopoder por Foucault. De fato, o biopoder ou biopolítica, em todas as suas manifestações (umas julgadas comumente como boas e outras como terríveis), parte sempre do mesmo princípio: trata-se de potencializar a vida humana, de fortalecer a saúde do indivíduo, para que este se torne mais produtivo. Em outras palavras: para que ele se torne mais útil ao sistema econômico vigente e ao organismo social como um todo. Diferente, portanto, do direito de soberania, que se exercia pela violência física e pela extinção da vida do indivíduo, o biopoder se exerce de modo sutil: não pelo enfraquecimento das forças vitais, mas pelo seu controle mais eficiente; não pela diminuição da saúde do corpo, mas pelo seu adestramento. O modo como o biopoder se exerce é através, sobretudo, das normas, das regras, dos regulamentos. Sua lógica é a da **disciplinarização dos corpos**.

Segundo Foucault, o símbolo por excelência da **sociedade disciplinar** em que vivemos é um modelo de prisão que foi proposto pelo filósofo Jeremy Bentham, justamente na época da Revolução Industrial: o **panóptico**. Neste modelo prisional, através de uma simples mudança de arquitetura, os vigias não precisariam mais transitar por entre os corredores para controlar os presos. Ao contrário, a torre de vigia seria posta no centro

de um círculo, em cujas extremidade estariam as celas. Assim, sem qualquer uso de violência explícita, apenas pelo controle do olhar, o panóptico permitia um domínio e disciplinarização total da vida dos presos. Na verdade, para Foucault, em virtude do biopoder, todos vivemos em um constante panóptico, inteiramente controlados, não pela força física, mas pelo domínio sutil do olhar. É o Panoptismo social, a sociedade da disciplina, a sociedade de vigilância.

Os indivíduos nessa sociedade, segundo Foucault, são levados a desenvolver um vigor físico invejável, incomparável com a condição do camponês medieval. Entretanto, são docilizados, disciplinados, de forma a não perceber todo o poder que possuem. De fato, estudos recentes demonstram que, em quantidade de trabalho por ano, nós trabalhamos muito mais que os camponeses do medieval. Voltando 200, 300 ou 400 anos no tempo e principalmente para antes da invenção da lâmpada, podemos perceber que as pessoas estavam longe de desempenhar oito horas contínuas de trabalho. Longos feriados eram comuns. Além disso, o camponês passava boa parte do seu tempo se dedicando a manutenção da própria vida (cuidando de sua residência, cozinhando, alimentando-se e até tirando cochilos diários toda tarde). Em vez de acumular dinheiro, acumulava-se tempo livre.

Na relação entre conhecimento e poder, Foucault afirma que todo poder é uma forma de conhecimento e todo conhecimento é uma forma de poder. Podemos supor que Foucault está se referindo ao estabelecimento da autoridade daquele que sabe, mas o autor está um passo atrás (ou à frente). Por meio dos métodos da **arqueologia** e **genealogia** (graças à influência de Nietzsche), Foucault conclui que o conhecimento não é natural ao ser humano, não faz parte de sua essência. O saber é contranatural e contra instintivo. Estudando a história do conhecimento Foucault percebe que este é uma relação de poder e dominação e que o estabelecimento da verdade pouco tem a ver com sua correspondência a qualquer objeto ou fato. A verdade, como o conhecimento, é artificial e fruto da construção social. Vejamos o caso da tese vencedora da Antiguidade Clássica. A filosofia grega defendida por Sócrates, Platão e Aristóteles é devedora da certeza, da declaração de que há uma verdade absoluta e universal. Quase dois mil anos depois Descartes, concordando com a possibilidade de se estabelecer uma verdade absoluta, busca outras formas ter certeza. Entretanto, hoje em dia, poucos filósofos e raros cientistas se atreveriam a afirmar que uma verdade absoluta existe. E não se trata de admitir os pensadores de hoje como corretos e os de antes como equivocados. Aqui o ponto é perceber que, primeiro: **A verdade flutua socio-historicamente.** Segundo: havia (e há hoje) resistências as concepções de verdade assumidas como certas (por exemplo, os sofistas).

O mesmo ocorre com o Direito. Para o pensador a lei é uma verdade construída de acordo com as necessidades do poder. O sistema socioeconômico vigente precisa, para se estabelecer e se manter, de uma delimitação formal, uma justificação abstrata que permita que os indivíduos não percebam sua artificialidade e converta suas regras em verdade universal e a priori. As regras do direito são a resposta do poder no sistema social para essa necessidade de produção de "verdades". Ou seja, as leis e o direito são resultado de uma construção social que expressa relações de poder e nada tem a ver com um senso universal de justiça ou de bem. **As leis não expressam a justiça, elas expressam o poder.**

Exercícios

1. Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia. [...] Na segunda metade do século XVIII, o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos.

(FOUCAULT, Michel. *Os corpos dóceis*. In: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 162.)

Levando em conta essa passagem e a obra em que está inserida, é correto afirmar que, para Michel Foucault, instituições como escolas, quartéis, hospitais e prisões são exemplos de espaços em que, a partir do século XVIII, os indivíduos:

- são educados de modo a se tornarem autônomos.
 - aprendem a conviver uns com os outros.
 - encontram as condições de segurança e bem-estar.
 - se tornam mais vigorosos e valentes.
 - se fazem objeto do poder disciplinar.
2. O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Na perspectiva de Michel Foucault, o processo mencionado resulta em

- declínio cultural.
 - segregação racial.
 - redução da hierarquia.
 - totalitarismo dos governos.
 - modelagem dos indivíduos.
3. Gilberto Cotrim (2006. p. 212), ao tratar da pós-modernidade, comenta as ideias de Michel Foucault, nas quais "[...] as sociedades modernas apresentam uma nova organização do poder que se desenvolveu a partir do século XVIII. Nessa nova organização, o poder não se concentra apenas no setor político e nas suas formas de repressão, pois está disseminado pelos vários âmbitos da vida social [...] [e] o poder fragmentou-se em micropoderes e tornou-se muito mais eficaz. Assim, em vez de se deter apenas no macro poder concentrado no Estado, [os] micropoderes se espalham pelas mais diversas instituições da vida social. Isto é, os poderes exercidos por uma rede imensa de pessoas, por exemplo: os pais, os porteiros, os enfermeiros, os professores, as secretarias, os guardas, os fiscais etc."

Fonte: COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2006. (adaptado)

Pelo exposto por Gilberto Cotrim sobre as ideias de Foucault, a principal função dos micropoderes no corpo social é interiorizar e fazer cumprir

- o ideal de igualdade entre os homens.

- b) o total direito político de acordo com as etnias.
- c) as normas estabelecidas pela disciplina social.
- d) a repressão exercida pelos menos instruídos.
- e) o ideal de liberdade individual.

4. Texto para a questão.

Para dizer as coisas mais simplesmente: o internamento psiquiátrico, a normalização mental dos indivíduos, as instituições penais têm, sem dúvida, uma importância muito limitada se se procura somente sua significação econômica. Em contrapartida, no funcionamento geral das engrenagens do poder, eles são, sem dúvida, essenciais. Enquanto se colocava a questão do poder subordinando-o à instância econômica e ao interesse que garantia, dava-se pouca importância a estes problemas.

Michel Foucault. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

Foucault, ao explicar suas ideias no texto, faz-nos inferir que

- a) não podemos entender as relações de poder reduzindo-as à sua dimensão econômica ou à esfera do Estado.
- b) devemos entender as relações do poder como responsabilidade somente do Estado.
- c) as estruturas de poder não extrapolam o Estado e não são evidentes nas diversas práticas sociais.
- d) os governantes detêm o poder em todas as esferas das relações sociais.
- e) o interesse do poder está relacionado às práticas sociais e desvinculado do Estado.

5. Para Foucault, [...] nós sentimos que, a todo momento, estamos sendo vigiados, muito embora não saibamos se existe realmente alguém nos vigiando. Com o passar do tempo, internalizamos o vigia: nos tornamos úteis, dóceis e disciplinados, uma vez que incorporamos as regras e normas sociais, como se houvesse uma torre e alguém a nos vigiar e punir. O fato de termos nossas ações registradas, vigiadas e gravadas, combinado ao fato de que nós mesmos, espontaneamente, vigiamos uns aos outros, garantem o funcionamento automático do poder.

[...] Foucault nos mostra como esse sistema nos impõe uma disciplina e um mecanismo de autorrepressão, que aponta uma única forma de existir, uma única maneira de pensar, uma única maneira de ser feliz, em suma, uma única maneira de construir-se a si mesmo. Na prática, seria uma "ditadura interna", que pode ser tão terrível quanto uma ditadura no sentido político, já que atinge o âmago de nossa individualidade.

(PARA FOUCAULT... 2018. p. 178).

O processo de disciplinarização, descrito pelo filósofo Michel Foucault, pode ser identificado

- a) nos mecanismos de controle estabelecidos dentro das fábricas, como a regulamentação dos horários de intervalo na produção, e na regulação da vida dos operários fora das indústrias, como o lazer, no processo da Revolução Industrial.
- b) na fase do governo jacobino, durante a época do Terror, no processo da Revolução Francesa, quando o governo revolucionário suprimiu os princípios básicos da liberdade e fraternidade, em nome do estabelecimento da igualdade social.
- c) na proibição das greves e das organizações trabalhistas, como os sindicatos, como mecanismos de controle do Estado sobre a vida cotidiana da população, buscando a superação dos efeitos da Crise de 1929, na sociedade estadunidense.
- d) no franquismo, quando o governo fascista espanhol, buscando fortalecer o poder estatal, controlou as instituições civis, políticas e religiosas, provocando a oposição da Igreja Católica, dos grandes latifundiários e empresários ao governo de Francisco Franco.

- e) na concepção política do Partido Menchevique, no processo da Revolução Russa, defensor de um Estado autoritário que controlasse todos os aspectos da vida cotidiana e possibilitasse a transição imediata do regime czarista para o socialista.

6. Penso que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em os lugares. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, que podemos encontrar no meio cultural.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

O texto aponta que a subjetivação se efetiva numa dimensão

- a) legal, pautada em preceitos jurídicos.
- b) racional, baseada em pressupostos lógicos.
- c) contingencial, processada em interações sociais.
- d) transcendental, efetivada em princípios religiosos.
- e) essencial, fundamentada em parâmetros substancialistas.

7. Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, apresenta duas imagens de disciplina: a disciplina-bloco e a disciplina-mecanismo. Para mostrar como esses dois modelos se desenvolveram, o autor destaca dois casos: o medieval da peste e o moderno do panóptico. Assinale, portanto, a alternativa incorreta:

- a) A disciplina-bloco se estabeleceu com o esquema moderno do panóptico, uma vez que a disciplina mecanismo, desenvolvida no período medieval para resolver o problema da peste, estava em falência.
- b) A disciplina-bloco se refere à instituição fechada, totalmente voltada para funções negativas, proibitivas e impeditivas.
- c) A disciplina-mecanismo é um dispositivo funcional que visa otimizar e tornar mais rápido o exercício do poder, mediante o modelo panóptico.
- d) É possível dizer que houve um processo de mudança da disciplina-bloco para a disciplina mecanismo, passando pelas etapas de inversão funcional das disciplinas, ramificação dos mecanismos e estatização dos mecanismos disciplinares.
- e) A disciplina-mecanismo tem como estratégia a vigilância múltipla, inter-relacionada e contínua, pela qual o indivíduo deve saber que é vigiado e, por consequência, o poder se exerce automaticamente.

8. Um dos principais pensadores da pós-modernidade, Michel Foucault, afirma, por exemplo, que vivemos numa sociedade em que há “múltiplas formas de dominação” e que, em grande parte, “marcha „ao compasso da verdade” – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por esse motivo, poderes específicos”.

Fonte: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009, p. 181; 321.

Essas afirmações exemplificam o modo pelo qual Foucault compreende a sociedade pós-moderna

Sobre os resultados das investigações de Foucault acerca das novas formas de organização social, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Há uma organização do poder disciplinar que se concentra antes de tudo no terreno político, independentemente dos diferentes âmbitos da vida social.

- b) Há uma nova forma de compreender o conhecimento, mas sem mudar a noção de verdade, porquanto esta não pode depender jamais das circunstâncias sociais.
- c) Há uma relação direta entre saber e poder enquanto o caminho do conhecimento está essencialmente ligado às estruturas da organização social.
- d) Há uma fragmentação do poder que o torna menos eficaz do que foi nos grandes regimes das sociedades pré-modernas, quando se concentrava nas mãos do Estado.

9. "O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. A moral reformada; a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito – tudo por uma simples ideia de arquitetura!"

BENTHAM, J. O panóptico. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Essa é a proposta de um sistema conhecido como panóptico, um modelo que mostra o poder da disciplina nas sociedades contemporâneas, exercido preferencialmente por mecanismos

- a) religiosos, que se constituem como um olho divino controlador que tudo vê.
- b) ideológicos, que estabelecem limites pela alienação, impedindo a visão da dominação sofrida.
- c) repressivos, que perpetuam as relações de dominação entre os homens por meio da tortura física.
- d) sutis, que adestram os corpos no espaço-tempo por meio do olhar como instrumento de controle.
- e) consensuais, que pactuam acordos com base na compreensão dos benefícios gerais de se ter as próprias ações controladas.

10. "A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores; a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror: a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo."

(FOUCAULT, M. Aula de 14 de janeiro de 1976. In: Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.)

O filósofo Michel Foucault (séc. XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social.

Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é:

- a) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- b) coagir e servir para refrear a agressividade humana.
- c) organizar as relações de poder na sociedade e entre os Estados.
- d) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- e) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.

Gabarito

1. **E**

Como aponta Foucault, na passagem do antigo Regime para a modernidade um novo tipo de poder passou a ser exercido na sociedade, o biopoder. Ele se faz presente através das instituições responsáveis por docilizar os corpos e adestrar os indivíduos. Essas instituições são escolas, empresas, hospitais, prisões e quartéis, onde a rígida, porém sutil, disciplina atua sobre o corpo e subjetividade das pessoas.
 2. **E**

Para Foucault, as formas de poderes existentes na sociedade impõem modificações nos modos de agir dos indivíduos, a partir da coação de seus corpos, transformando-os em corpos úteis e passíveis de sujeição. Desse modo, incorporam-se características disciplinadoras nos corpos através do controle e do adestramento que mede, corrige e hierarquiza corpos em um processo que modela indivíduos.
 3. **C**

Foucault entende o poder não como um objeto natural, mas uma prática social expressa por um conjunto de relações. Temos que pensar o poder não como uma "coisa" que uns tem e outros não, como, por exemplo, o pai e o filho, o rei e seus súditos, o presidente e seus governados, etc., mas como uma relação que se exerce, que opera entre os pares: o filho que negocia com o pai, os súditos que reivindicam ao rei, os governados que usam dispositivos legais para fiscalizar o presidente, etc. Deste ponto de vista, poder não se restringe ao governo, mas espalha-se pela sociedade em um conjunto de práticas, a maioria delas essencial à manutenção do Estado. O poder é uma espécie de rede formada por mecanismos e dispositivos que se espraiam por todo cotidiano - uma rede da qual ninguém pode escapar. Ele molda nossos comportamentos, atitudes e discursos. Compreender o Estado como portador do poder é um equívoco, pois além de ser dispendioso, o poder externo não é capaz de dar conta dos corpos individuais, este poder não permeia a vida e não é capaz de controlar os indivíduos. Os micro poderes atuam de forma capilar e moldam por meio dos instrumentos do Estado as reações, domesticando os indivíduos, hierarquizando-os, normatizando comportamentos em suas relações. Isto ocorre desde as relações mais simples até as relações mais complexas, criando condições para estabelecer uma disciplina social ampla.
 4. **A**

Pela perspectiva de Foucault, o poder não é exercido apenas por instituições do poder por excelência. O poder está em todas as relações, mesmo longe da máquina estatal o do aparato econômico. O poder está na brincadeira de rua, na relação familiar, em instituições de saúde, na escola etc.
 5. **A**

A alternativa A traz descrito o tipo de procedimento que promove a disciplinarização e que foi adotado pelas fábricas durante a revolução industrial. Antes do suplício, a instrução. Antes do castigo, o controle. Desde jovens os membros dessas sociedades são condicionados a ficar em salas fechadas sentados por longas horas realizando atividades relativamente vazias de sentido. As instituições disciplinadoras são conhecidas como instituições de sequestro.
 6. **C**

Para Foucault, o corpo está inserido no social e, por isso, é marcado pelo social. Todas as relações sociais são relações de poder e, de acordo com cada momento sócio histórico, as dinâmicas de sujeição ou liberação são subjetivadas pelos indivíduos.
 7. **A**

A disciplina-bloco é apresentada por Foucault mediante o caso da peste, enquanto que a disciplina-mecanismo relaciona-se com o modelo panóptico. Ainda que o aluno não conheça a obra e a terminologia de Foucault, ele poderá compreender que a alternativa [A] está incorreta, dado que esta contraria todas as outras alternativas.
-

8. **C**
Como vimos, o conhecimento não é natural nem puro. Não está definido fora da artificialidade das atividades sociais humanas. O conhecimento é construído e está ligado às estruturas sociais sendo reflexo, dessa forma, das relações de poder. Por isso, o saber e o poder estão intimamente relacionados
9. **D**
O panóptico – também citado por Foucault – vai ser uma forma sutil de controle dos comportamentos humanos, onde, estando o homem ciente das normas sociais, além de obedecê-la, ele vai controlar o comportamento dos outros indivíduos.
10. **E**
De acordo com Michel Foucault, as relações humanas se dão através de relações de poder, em que o ordenamento de forças é que estabelece uma organização das sociedades. É importante ressaltar que, para Michel Foucault, o poder não é estático, ou seja, de cima para baixo. Não acredita em poder puro e simples, mas em relações de poder que pode ser utilizado como forma de diálogo de indivíduos em uma sociedade.

Bauman

Resumo

Um dos mais importantes sociólogos da história, Zygmunt Bauman teve como principal objetivo compreender as especificidades da sociedade contemporânea. Com efeito, em seu entendimento, as teorias tradicionais de sociólogos como Marx e Weber, ainda que úteis para explicar as origens do capitalismo e o início do processo de modernização, não são capazes de dar conta da explicação do mundo social de hoje, do capitalismo globalizado, da sociedade de espetáculo e de consumo.

Embora não haja um consenso sobre o momento exato em que a modernidade se inicia, dois eventos históricos foram decisivos para o seu desenvolvimento. O primeiro deles, a Revolução Industrial, foi um conjunto de mudanças ocorridas na Europa, marcadas, sobretudo, pelo êxodo rural e pela invenção da máquina a vapor que levaram ao aumento da velocidade de produção e, por conseguinte, ao aumento da quantidade de mercadorias produzidas. O segundo, a Revolução Francesa, foi um momento de ruptura com as estruturas políticas e sociais do Antigo Regime, que culminou com a proclamação da Assembleia Constituinte e a queda da Bastilha, ambas em 1789.

Para Bauman, a principal característica da modernidade é a capacidade de derreter sólidos, isto é, de fazer com que as estruturas políticas, sociais e econômicas, assim como as próprias relações sociais, se dissolvam. Segundo ele, a modernidade se divide em duas etapas. Na primeira etapa, a **modernidade sólida**, a preocupação não é apenas a de dissolver o que foi recebido da tradição, mas também a de construir as bases para os *novos sólidos*. Tomemos como exemplo a Revolução Francesa, que destruiu (*dissolveu*) o Antigo Regime com o propósito de construir um novo sólido, fundamentado na razão e guiado pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Na segunda metade do século XX, os fenômenos sociais da globalização, da individualização e o avanço das tecnologias de comunicação transformaram a modernidade. Na segunda etapa, a **modernidade líquida**, os indivíduos, as instituições e a relação entre eles não têm mais uma forma rígida, duradoura e não há a perspectiva de criação de novos sólidos. Tudo está em constante transformação. Bauman encontra, na metáfora do líquido, a chave para descrever as características da sociedade atual, quais sejam, a incapacidade de manter a forma, a instabilidade e a mobilidade.

Na perspectiva baumaniana, o que caracteriza o mundo em que vivemos é a liquidez das relações sociais. Essa liquidez, consiste em uma espécie de cultura do descartável, onde tudo se torna fluido, volátil, impermanente. Os valores substanciais e tradicionais tendem a se enfraquecer, bem como o senso comunitário, enquanto o individualismo e as novas modalidades de interação social tendem a ganhar força.

A modernidade líquida está presente nos mais diversos aspectos da vida social. A própria percepção do tempo foi transformada pela liquidez. O tempo já não é mais cíclico, como nas mitologias; também não traz a ideia de linearidade, comum à visão ocidental. Nosso tempo é pontilhado, isto é, consiste em um conjunto de instantes encerrados em si mesmos e que não guardam qualquer relação com os instantes anteriores e nem com os que estão por vir.

As relações afetivas, como o amor e a amizade também sofreram os efeitos da modernidade líquida. As novas tecnologias de comunicação, sobretudo as redes sociais e os sites de relacionamento, possibilitaram novas formas de interagir e se relacionar como, por exemplo, o relacionamento online. Escolher um(a) parceiro(a) pela internet é uma operação que se assemelha, de algum modo, a acessar um site de vendas para comprar um determinado produto. Tanto o site de vendas quanto o site de relacionamento nos colocam diante de uma espécie de catálogo, no qual podemos escolher aquilo que mais nos agrada. Nesse sentido, as relações

amorosas se confundem com as relações de mercado. A amizade, por sua vez, resume-se ao duplo movimento de conectar e desconectar. O grande atrativo das redes sociais não está, segundo Bauman, na facilidade de fazer amizades, mas sim na facilidade de desfazê-las. Os conflitos e constrangimentos provocados pelo término de uma amizade podem ser evitados, no ambiente virtual, com apenas um click.

Outro aspecto importante da teoria de Bauman é o consumo. Segundo ele, o consumo organiza as relações sociais, sendo capaz de mudar o modo como as pessoas veem a si mesmas e como elas projetam a sua própria imagem para os demais. Nessa sociedade de consumidores, ninguém se torna sujeito sem primeiro virar mercadoria, o que também contribui para a instabilidade ou liquidez das relações.

Exercícios

1. Zygmunt Bauman e Tim May afirmam que a Sociologia “é uma disciplina dinâmica e progressiva, produzindo permanentemente novos estudos – o que, aliás, não surpreende, considerando que nossa vida muda de várias maneiras e de diferentes momentos” (p. 8). Diante do exposto por esses autores contemporâneos e de seus estudos de Sociologia, assinale a alternativa CORRETA.
 - a) A Sociologia contribui para o pensar de forma individual e auxilia a nos distanciar das redes de relações sociais.
 - b) A Sociologia estuda processos sociais, funções, normas e ações individuais, bem como analisa as estruturas presentes na sociedade.
 - c) A Sociologia contribui para a produção de uma visão acrítica dos fenômenos sociais.
 - d) Por ser uma ciência da pós-modernidade, a Sociologia procura respostas sobre a complexidade social, apontando situações a serem analisadas em sociedade.
 - e) Pelo fato da Sociologia ser uma ciência do século XIX, não podemos considera-la como pós-moderna.

2. Segundo Zygmunt Bauman, a Sociologia é constituída por um conjunto considerável de conhecimentos acumulados ao longo da história. Pode-se dizer que a sua identidade forma-se na distinção com o chamado senso comum. Considerando que a Sociologia estabelece diferenças com o senso comum e estabelece uma fronteira entre o pensamento formal e o senso comum, é correto afirmar que
 - a) a Sociologia se distingue do senso comum por fazer afirmações corroboradas por evidências não verificáveis, baseadas em ideias não previstas e não testadas.
 - b) o pensar sociologicamente caracteriza-se pela descrença na ciência e pouca fidedignidade de seus argumentos. O senso comum, ao contrario, evita explicações imediatas ao conservar o rigor científico dos fenômenos sociais.
 - c) pensar sociologicamente é não ultrapassar o nível de nossas preocupações diárias e expressões cotidianas, enquanto o senso comum preocupa-se com a historicidade dos fenômenos sociais.
 - d) o pensamento sociológico se distingue do senso comum na explicação de alguns eventos e circunstâncias, ou seja, enquanto o senso comum se preocupa em analisar e cruzar diversos conhecimentos, a Sociologia se preocupa apenas com as visões particulares do mundo.
 - e) um dos papéis centrais desempenhados pela Sociologia é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais, conservando o rigor original exigido no campo científico.

3. **Texto 1**

“A insegurança ambiente concentra-se no medo pela segurança pessoal; que por sua vez aguça ainda mais a figura ambígua e imprevisível do estranho. Estranho na rua, gatuno perto de casa... Alarmes contra assalto, bairros vigiados e patrulhados, condomínios fechados, tudo isso serve ao mesmo propósito: manter os estranhos afastados. A prisão é apenas a mais radical dentre muitas medidas – diferente do resto pelo suposto grau de eficiência, não por sua natureza. As pessoas que cresceram numa cultura de alarmes contra ladrões tendem a ser entusiastas naturais das sentenças de prisão e de condenações cada vez mais longas. Tudo combina muito bem e restaura a lógica ao caos da existência.”

(Zygmunt Bauman. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999)

Texto 2

“Depois de vinte anos sem prestar atenção nas consequências sociais e humanas de um capitalismo global incontido, o presidente do Banco Mundial chegou à conclusão de que, para a maior parte da população mundial, a palavra ‘globalização’ sugere ‘medo e insegurança’ em vez de ‘oportunidade e inclusão’.”

(Eric Hobsbawn, Globalização, democracia e terrorismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007)

Texto 3

“Entre os jovens, cada vez mais prevalece o ‘cada um por si’. Mais do que a amizade, são redes de cumplicidade que orientam a busca da sobrevivência, a abstenção da balbúrdia política. A sociedade pretensamente sem classes resulta num egoísmo cheio de cautela. Tal como o capitalismo. Isso significa que as ‘derivações’, para falar como Pareto, têm pouca influência e o homem continua a ser o que é (mais hobbesiano e menos rousseauísta), sejam quais forem o sistema político e a ideologia que o legitimam.”

(Gerard Vincent, Uma história do segredo? São Paulo: Companhia das Letras, 2009)

A cultura contemporânea é marcada pelo medo do outro, pelo egoísmo e pela intolerância; é possível identificar, ainda, uma ideologia que é caracterizada pela ausência de fraternidade, pela desintegração dos laços humanos e pela solidão. Entre as principais críticas relacionadas a essa problemática (guerra civil, democracia e exclusão) estão as queixas ao sistema representativo, as queixas de direito e justiça, as queixas econômicas. Sobre o tema assinale a alternativa incorreta.

- a) O ceticismo quanto à política – sobretudo a democracia – acompanha esta mesma linha de raciocínio. As relações autônomas minoram a criação de uma identidade e os direitos já reconhecidos, poucas vezes são efetivados. A solidão cresce na mesma proporção da atitude cética.
- b) Embora haja medo do outro, as culturas de um modo geral estão se abrindo para acolher o diferente, e isso pode ser percebido tanto na Europa, com relação ao mulçumano, quanto no Brasil, com relação aos negros e indígenas, por exemplo.
- c) As queixas de representatividade se dirigem tanto às distorções de representação internas de cada Estado, quanto externas, voltadas a atacar as distorções de representatividade existentes na Organização das Nações Unidas, por exemplo.
- d) As queixas de direito e justiça ocorrem porque, a despeito de serem frequentemente reconhecidos nas constituições nacionais, não são efetivados especialmente no tocante aos grupos minoritários, isso tanto no mundo desenvolvido quanto no mundo subdesenvolvido, o que tem colaborado para o aumento do número de movimentos que têm por escopo a reivindicação de direitos, ou da efetivação dos já reconhecidos.
- e) Quanto às queixas econômicas, diga-se que estão relacionadas ao alcance da pobreza no mundo de hoje. Embora presente no mundo todo, ela é distribuída de forma desigual, de acordo com critérios de raça, etnia e gênero. Por exemplo, encontram-se no sul da Ásia e na África subsaariana aproximadamente 70% da população mundial que vivem com menos de um dólar por dia.

4. Como observam os pesquisadores do Instituto de Estudos Avançados da Cultura da Universidade de Virgínia, os executivos globais que entrevistaram “vivem e trabalham num mundo feito de viagens entre os principais centros metropolitanos globais – Tóquio, Nova York, Londres e Los Angeles. Passam não menos do que um terço de seu tempo no exterior. Quando no exterior, a maioria dos entrevistados tende a interagir e socializar com outros globalizados... Onde quer que vão, hotéis, restaurantes, academias de ginástica, escritórios e aeroportos são virtualmente idênticos. Num certo sentido habitam uma bolha sociocultural isolada das diferenças mais ásperas entre diferentes culturas nacionais... São certamente cosmopolitas, mas de maneira limitada e isolada.” [...] A mesmice é a característica mais notável, e a identidade cosmopolita é feita precisamente da uniformidade mundial dos passatempos e da semelhança global dos alojamentos cosmopolitas, e isso constrói e sustenta sua secessão coletiva em relação à diversidade dos nativos. Dentro de muitas ilhas do arquipélago cosmopolita, o público é homogêneo, as regras de admissão são estrita e meticulosamente (ainda que de modo informal) impostas, os padrões de conduta precisos e exigentes, demandando conformidade incondicional. Como todas as “comunidades cercadas”, a probabilidade de encontrar um estrangeiro genuíno e de enfrentar um genuíno desafio cultural é reduzida ao mínimo inevitável; os estranhos que não podem ser fisicamente removidos por causa do teor indispensável dos serviços que prestam ao isolamento e autocontenção ilusória das ilhas cosmopolitas são culturalmente eliminados – jogados para o fundo “invisível” e “tido como certo”.

(BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 53-55.)

De acordo com o texto, é correto afirmar que a globalização estimulou

- a) a disseminação do cosmopolitismo, que rompe as fronteiras étnicas, quando todos são viajantes.
 - b) um novo tipo de cosmopolitismo, que reforça o etnocentrismo de classe e de origem étnica.
 - c) a interação entre as culturas nativas, as classes e as etnias, alargando o cosmopolitismo dos viajantes de negócio.
 - d) o desenvolvimento da alteridade através de uma cultura cosmopolita dos viajantes de negócios.
 - e) a emergência de um novo tipo de viajantes de negócios, envolvidos com as comunidades e culturas nativas dos países, onde se hospedam.
5. As relações amorosas, após os anos de 1960/1980, tenderam a facilitar os contatos feitos e desfeitos imediatamente, gerando uma gama de possibilidades de parceiros e experimentos de prazer. Essa forma de contato amoroso tem sido denominada pelos jovens como “ficar”. Assim, em uma festa pode-se “ficar” com vários parceiros ou durante um tempo “ir ficando” em diferentes situações, sem que isso se configure em compromisso, namoro ou outra modalidade institucional de relação. Os processos sociais que provocaram as mudanças nas relações amorosas, bem como suas consequências para o indivíduo e para a sociedade, têm sido problematizados por vários cientistas sociais. Assinale a alternativa em que o texto explica os sentidos das relações amorosas descritas acima.
- a) “Hoje as artes de expressão não são as únicas que se propõem às mulheres; muitas delas tentam atividades criadoras. A situação da mulher predispõe-na a procurar uma salvação na literatura e na arte. Vivendo à margem do mundo masculino, não o apreende em sua figura universal e sim através de uma visão singular; ele é para ela, não um conjunto de utensílios e conceitos e sim uma fonte de sensações e emoções; ela interessa-se pelas qualidades das coisas no que têm de gratuito e secreto [...]”.

(BEAUVOIR, S. O segundo sexo. 5 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1980. p. 473.)

- b) “Hoje, no entanto, existe uma renovação, o que significa dizer que os cientistas, quando chegam através do seu conhecimento a esses problemas fundamentais, tentam por si próprios compreendê-los e fazem um apelo à sua própria reflexão. Nos próximos anos, por exemplo, após as experiências do Aspecto, a discussão sobre o espaço e sobre o tempo – problemas filosóficos – vai ser retomada”.

(MORIN, E. A inteligência da complexidade. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. p. 37.)

- c) “Nova era demográfica de declínio populacional não catastrófico pode estar alvorecendo. Fome, epidemias, enchentes, vulcões e guerras cobraram seu preço no passado, mas que grandes populações não se reproduzam por escolha individual é uma mudança histórica notável. Na Europa Ocidental, esse padrão está se estabelecendo em tempos de paz, sob condições de grande prosperidade, embora, sejam ainda visíveis oscilações conjunturais, significativas na depressão escandinava do início dos anos de 1990.”

(THERBORN, G. Sexo e poder. São Paulo: Contexto, 2006. p. 446).

- d) “É assim numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a ‘experiência amorosa’ à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

(BAUMAN, Z. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p.21-22).

- e) “Viver na grande metrópole significa enfrentar a violência que ela produz, expande e exalta, no mesmo pacote em que gera e acalenta as criações mais sublimes da cultura.[...] Nesse sentido, talvez a primeira violência de que somos vítima, já no início do dia, é o jornalismo, sempre muito sequioso de retratar e reportar, nos mínimos detalhes, o que de mais contundente e chocante a humanidade produziu no dia anterior [...]”.

(NAFFAH NETO, A. Violência e ressentimento. In: CARDOSO, I. et al (Orgs). Utopia e mal-estar na cultura. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 99.)

6. “Ver TV é um dos principais deveres do sociólogo. É ali, no mundo tal como ele é visto na TV, que a maioria das pessoas passa boa parte de suas vidas e adquire grande parcela de seu conhecimento do mundo. O Lebenswelt [mundo em que vivemos], o principal objeto de nosso estudo e o principal alvo de nossas mensagens, estaria dolorosamente incompleto hoje se fosse privado dos ingredientes fornecidos pela TV on-line. Recusar-se a ver TV equivale a dar as costas a uma parte considerável, e ainda em crescimento, da experiência humana contemporânea. Essa é uma consideração que deveria orientar e ditar a seleção daquilo que os sociólogos devem ver, e não, lamentavelmente, sua estética ou outras preferências voltadas para a busca do prazer. Mas quem disse que o trabalho dos sociólogos deve ser – está fadado a ser – invariavelmente prazeroso?”.

(BAUMAN, Z. P. Para que serve a sociologia? Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester. Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 129 e 130).

A partir do texto acima e de teorias sociológicas sobre mídias, publicidade e consumo, assinale o que for correto.

- a) A televisão, em nossa sociedade, está relacionada ao entretenimento, o que anula o interesse de qualquer pesquisa objetiva sobre a sociedade a partir de sua observação.

- b) A análise sociológica de telejornais, telenovelas, programação infantil, pode focar os indivíduos em situação de vulnerabilidade intelectual.
- c) Pesquisar programas televisivos é algo irrelevante para a sociologia contemporânea devido à baixa qualidade da programação.
- d) Considerando o caráter subjetivo da pesquisa sociológica, seus praticantes devem se ocupar apenas daquilo que lhes seja agradável.
- e) O papel social da TV como meio de expressão, canal midiático e mediador de publicidade e consumo, a torna um fenômeno sociologicamente relevante.

7. A Conceito central do pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), a “modernidade líquida” seria o momento histórico que se vive atualmente, em que as instituições, as ideias e as relações estabelecidas entre as pessoas se transformam de maneira muito rápida e imprevisível: “Tudo é temporário, a modernidade – tal como os líquidos – caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma”.

Para melhor compreender a modernidade líquida, é preciso voltar ao período que a antecedeu, chamado por Bauman de modernidade sólida, que está associada aos conceitos de comunidade e laços de identificação entre as pessoas, que trazem a ideia de perenidade e a sensação de segurança. Na era sólida, os valores transformavam-se em ritmo lento e previsível. Assim, tinham-se algumas certezas e a sensação de controle sobre o mundo – sobre a natureza, a tecnologia, a economia, por exemplo.

Alguns acontecimentos da segunda metade do século XX, como a instabilidade econômica mundial, o surgimento de novas tecnologias e a globalização, contribuíram para o enfraquecimento da ideia de controle sobre os processos do mundo, trazendo incertezas quanto à capacidade de adequação aos novos padrões sociais, que se liquefazem e mudam constantemente. Nessa passagem do mundo sólido ao líquido, Bauman chama atenção para a liquefação das formas sociais: o trabalho, a família, o engajamento político, o amor, a amizade e, por fim, a própria identidade. Essa situação produz angústia, ansiedade constante e o medo líquido: temor do desemprego, da violência, do terrorismo, de ficar para trás, de não se encaixar nesse novo mundo.

Assim, duas das características da modernidade líquida são a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo; e a transformação do cidadão em consumidor. Nesse contexto, as relações afetivas se dão por meio de laços momentâneos e volúveis e tornam-se superficiais e pouco seguras (amor líquido). No lugar da vida em comunidade e do contato próximo e pessoal, privilegiam-se as chamadas conexões, relações interpessoais que podem ser desfeitas com a mesma facilidade com que são estabelecidas, assim como mercadorias que podem ser adquiridas e descartadas. Exemplo disso seriam os relacionamentos virtuais em redes sociais.

A modernidade líquida, no entanto, não se confunde com a pós-modernidade, conceito do qual Bauman é crítico. De acordo com ele, não há pós-modernidade (no sentido de ruptura ou superação), mas sim uma continuação da modernidade (o núcleo capitalista se mantém) com uma lógica diferente – a fixidez da época anterior é substituída pela volatilidade, sob o domínio do imediato, do individualismo e do consumo..

Com base no texto, é correto afirmar que:

- a) a possibilidade de manter a economia mundial estável, o surgimento de novas tecnologias e a capacidade de adequação do ser humano aos novos padrões sociais, que se liquefazem e mudam constantemente, contribuem para a redução de sentimentos como a angústia, a ansiedade e o medo.

- b) o conceito de modernidade líquida traz a palavra “liquidez” de modo metafórico para referir-se ao momento atual, em que as instituições, as ideias e as relações estabelecidas entre as pessoas são perenes e transformam-se de maneira previsível.
- c) o sociólogo polonês Bauman entende que, na época atual, o ritmo incessante das transformações gera angústias e incertezas e dá lugar a uma nova lógica, pautada pelo individualismo e pelo consumo.
- d) o conceito de modernidade líquida pressupõe a substituição da ideia de coletividade e de solidariedade pelo individualismo; assim, as conexões e os relacionamentos virtuais perdem lugar para a vida em comunidade que privilegia o contato próximo e pessoal.
- e) a pós-modernidade, que segundo Bauman só poderia existir com a manutenção do núcleo capitalista, consolidaria o consumo e a solidariedade, mas romperia com a ideia de individualidade.

8. “Mas a vocação da sociologia é fornecer orientação em um mundo reconhecidamente em mudança. E essa vocação só pode ser realizada delineando-se as mudanças e suas consequências, assim como investigando as estratégias de vida adequadas para lidar com suas exigências. Creio que um mundo que exige uma reorientação contínua é o hábitat natural da pesquisa sociológica e dos serviços que a sociologia pode e deve oferecer”.

(BAUMAN, Z. Para que serve a sociologia? Rio de Janeiro: Zahar, 2015, p. 59).

Considerando o texto citado e conhecimentos sobre o surgimento e a institucionalização das Ciências Sociais, assinale o que for incorreto.

- a) Uma das tarefas da sociologia é mostrar como os problemas pessoais estão interligados a questões de ordem pública e coletiva.
- b) A sociologia se constitui num tipo de conhecimento relevante tanto para os cientistas e especialistas quanto para todos aqueles afetados pelos resultados de suas pesquisas, ou seja, o grande público.
- c) A sociologia é um conhecimento originário do mundo contemporâneo e, como tal, se mostra necessária para entender as novas formas de interação e comunicação da pós-modernidade.
- d) O pensamento sociológico e as metodologias por ele empregadas não utilizam recursos matemáticos ou estatísticos na constituição de análises sobre a história e a estrutura social de grupos ou nações.
- e) A sociologia é uma ciência, portanto estabelece problemas, dúvidas e questionamentos sobre a realidade. Por isso, ela é também uma forma de consciência, na medida em que permite desenvolver uma nova perspectiva sobre o próprio mundo em que vivemos.

9. Texto 1

O livro *Cultura do narcisismo*, escrito por Christopher Lasch em 1979, é um clássico. O texto de Lasch mostra como o que era diagnosticado como patologia narcísica ou limítrofe nos anos 50 torna-se uma espécie de “normalidade compulsória” depois de duas décadas. Para que alguém seja considerado “bem-sucedido”, é trivialmente esperado que manipule sua própria imagem como se fosse um personagem, com a conseqüente perda do sentimento de autenticidade.

(Christian Dunker. “A cultura da indiferença”. www.mentecerebro.com.br. Adaptado.)

Texto 2

Zygmunt Bauman: Afastar-se da percepção de mundo consumista e do tipo de atitude individualista contra o mundo e as pessoas não é uma questão a ponderar, mas uma obrigação determinada pelos limites de sustentabilidade desse modelo da vida que pressupõe a infinidade de crescimento econômico. Segundo esse modelo, a felicidade está obrigatoriamente vinculada ao acesso a lojas e ao consumo exacerbado.

(“Lojas são alívio a curto prazo, diz o sociólogo Zygmunt Bauman”. www.mentecerebro.com.br. Adaptado.)

Considerando os textos, é correto afirmar que:

- a) para Bauman, as diretrizes liberais de crescimento econômico ilimitado prescindem de reflexão ética.
 - b) ambos tratam do irracionalismo subjacente aos critérios de normalidade e de felicidade.
 - c) a “cultura do narcisismo” apresenta um estilo de vida incompatível com a mentalidade consumista.
 - d) a patologia narcísica analisada por Lasch é um fenômeno restrito ao domínio psiquiátrico.
 - e) ambos abordam problemas historicamente superados pelas sociedades ocidentais modernas.
- 10.** O sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Globalização: as consequências humanas*, afirma que a globalização tem sido apresentada como o destino irremediável do mundo, mas que, no fenômeno da globalização, há mais coisas do que pode o olho apreender, pois o fenômeno da globalização tanto divide como une.

(BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (adaptado).)

Essa crítica do autor é, também, expressa em outras linguagens como na charge abaixo.



Fonte: Disponível em: <<http://joselimaia.blogspot.com.br/p/geografia-2-ano.html>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

Com base na charge e nas ideias de Zygmunt Bauman, pode-se afirmar que o fenômeno da globalização

- a) seleciona povos, países e setores que serão inseridos no processo, determinando a forma da inserção.
- b) uniformiza todos os países e atinge a todos da mesma maneira, sem distinção de etnia, credo e ideologia.

- c) distribui igualmente entre povos e países os produtos advindos do desenvolvimento econômico e tecnológico.
- d) transforma as nações em uma só, criando uma verdadeira –aldeia global, na qual todos os povos são iguais.
- e) padroniza o mundo social, cultural, política e economicamente, reduzindo as desigualdades entre as nações.

Gabarito

1. D

A Sociologia é uma disciplina contemporânea que busca compreender e explicar os fenômenos sociais. Nessa medida, a única alternativa correta é a representada pela letra (d).

2. E

A única alternativa que apresenta a relação adequada entre a Sociologia e o senso comum, de acordo com o pensamento de Zygmunt Bauman, é a representada pela letra e, que afirma que “um dos papéis centrais desempenhados pela Sociologia é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais, conservando o rigor original exigido no campo científico.” Aquilo que para o senso comum pode ser compreendido como algo “natural” ou “normal” deve ser estudado pela sociologia no sentido de tentar desnaturalizá-lo e, portanto, de compreender as razões para a existência de determinados fenômenos sociais.

3. B

Somente a alternativa [B] está errada. Ainda que a questão do preconceito e do racismo esteja colocada de maneira mais nítida, verifica-se um movimento de manutenção do etnocentrismo e da intolerância. Isso pode ser percebido, sobretudo no caso da França, onde, em abril de 2011, entrou em vigor uma lei que proíbe o uso do véu por mulheres muçulmanas em lugares públicos.

4. B

A questão exige do aluno leitura atenta do texto do enunciado. Ali, o autor faz referência explícita à forma de vida de executivos que vivem em uma “bolha sociocultural”, sendo, por isso, cosmopolitas “de maneira limitada e isolada”. Assim, o etnocentrismo tradicional é mantido e realocado e as diferenças étnicas não são superadas. Portanto, somente a alternativa [B] é correta.

5. D

A alternativa [D] é a única correta. O próprio título do livro de Zygmunt Bauman (Amor Líquido) já se mostra como indício da adequação da sua teoria para a interpretação das relações afetivas contemporâneas. É assim que as relações sociais podem ser interpretadas no sentido da sociedade do consumo: fluidas e descartáveis. Na própria terminologia do autor, uma afetividade líquida.

6. E

Todas as outras alternativas apresentam a TV como não possuindo relevância para a abordagem sociológica, o que não é verdadeiro de acordo com o texto de Bauman.

7. C

No enunciado da questão, há referências explícitas à angústia provocada pela liquidez, à substituição da ideia de coletividade e solidariedade pelo individualismo e à transformação do cidadão em consumidor. Portanto, a alternativa [C] é a correta.

8. D

A sociologia continua a ser importante, mesmo nesse contexto de pós-modernidade. Além disso, vale ressaltar que desde os estudos de Émile Durkheim sobre o suicídio, a estatística e a matemática continuam sendo importantes para as pesquisas sociológicas.

9. B

Os textos-base da questão fazem crítica ao estilo de uma sociedade que impõe critérios para a “normalidade” e para a “felicidade”. Dunker afirma que, para ser bem-sucedido, é necessário que haja a construção artificial de um personagem. A busca por uma “normalidade” imposta, paradoxalmente, geraria a perda da autenticidade. No mesmo sentido, Bauman aponta para a necessidade de se afastar de um modelo de felicidade imposto – vinculado ao consumo exacerbado – que por si só traz uma clara incongruência aos próprios limites de sustentabilidade, pois pressupõe crescimento infinito.

10. A

A alternativa (b) está errada na medida em que o processo de globalização não atinge a todos da mesma maneira. Já a alternativa (c) está equivocada porque a globalização não distribui nada igualmente, mas aumenta a desigualdade. A letra (d), por sua vez, está errada, pois não se pode afirmar que todos os povos são iguais. Por fim, a letra (e) não está correta, pois a globalização não reduz a desigualdade entre as nações. Nesse sentido, apenas a letra (a) aparece como alternativa correta de acordo com o pensamento de Bauman.